



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9392 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

“Qual o valor da entrega?”: experiências juvenis de bike-entregadores na cidade de São Paulo
Caíque Diogo de Oliveira - UFSCAR/SOROCABA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

“Qual o valor da entrega?”: experiências juvenis de bike-entregadores na cidade de São Paulo

Resumo

Entre os limitados meios de obtenção de trabalho, dispostos no capitalismo em sua forma neoliberal, as plataformas digitais, especialmente os aplicativos de *delivery*, têm despontado como uma importante forma de inserção produtiva para os jovens. Inserido no campo de estudos da juventude, busca-se apresentar dados parciais de um estudo cujo objetivo é investigar as experiências de jovens bike-entregadores de aplicativos de *delivery* em relação ao trabalho e a escola na cidade de São Paulo. Para atender esse objetivo a metodologia inspira-se em abordagens etnográficas, de modo a combinar observações de campo e entrevistas. Os resultados parciais apontam que jovens bike-entregadores possuem uma relação informal e precária de trabalho junto as empresas gestoras das plataformas, sendo expostos a diversos riscos e, ao mesmo tempo, estabelecendo ações tipicamente juvenis para vivenciar o tempo em atividade no aplicativo. Nessa ocupação, os jovens enfrentam contradições inerentes a própria forma como se realiza o trabalho nos aplicativos para vislumbrar a possibilidade de continuidade nos estudos.

Palavras-chave: Juventude. Trabalho. Educação. Plataformas digitais

No capitalismo brasileiro, especialmente no período pós-2014, tem se acentuado um processo de exclusão dos jovens do mercado de trabalho. A chegada da pandemia da Covid-19, intensificou a condição precária já vivida por esses indivíduos com os impactos decorrentes da crise econômica e da reforma trabalhista. Logo, os jovens da classe trabalhadora se deparam com um cenário de terceirização, práticas de trabalho intermitente, diminuição dos postos de trabalho formais e aumento da informalidade (OIT, 2020). Além da dificuldade para encontrar emprego, a juventude contemporânea também é acometida pelo desamparo por parte do Estado com baixa efetividade nas políticas de renda para as famílias

em situação de vulnerabilidade durante a pandemia (NATALINO; PINHEIRO, 2020).

Enquanto os jovens experimentam a pandemia como uma adversidade, as empresas de aplicativos de *delivery* experimentam o isolamento social e fechamento de centros comerciais como oportunidade. As plataformas de aplicativo já estavam passando por um processo de expansão desde a crise de 2008 (SRNICEK, 2017), esse processo de expansão está baseado, em grande medida, na ausência de regulamentação pelas quais usufruem empresas de tecnologia (ZUBOFF, 2020). De fato, durante o primeiro ano do contexto pandêmico, as empresas administradoras de plataformas de *delivery* aumentaram em 155% o número de usuários ao possibilitar que consumidores recebam compras e refeições sem precisar sair de casa (JÚNIOR, 2021). As vantagens oferecidas aos clientes e o crescimento do faturamento só foram possíveis devido a parcela significativa de força de trabalho juvenil sair às ruas para trabalhar. Diante do exposto, esse texto busca apresentar resultados parciais de um projeto cujo objetivo é investigar a experiência dos jovens bike-entregadores em relação ao trabalho e a escola na cidade de São Paulo. Para atender esse objetivo a metodologia inspira-se em abordagens etnográficas combinando observações de campo e entrevistas.

Segundo pesquisa realizada na capital paulista (ALIANÇA BIKE, 2019), aproximadamente 3 em cada 4 bike-entregadores são jovens, boa parte desses jovens entregadores residem na periferia e deslocam-se ao centro com a própria bicicleta, pedalando ou via transporte público, de outro modo fazem aluguel de bicicletas disponibilizadas em pontos específicos da cidade. Esses jovens são quase todos homens (98%) e majoritariamente negros – autodeclarados pardos ou pretos - (70%). Para ser entregador de aplicativos, não há um processo formal nos moldes tradicionais do mundo do trabalho no qual requisitos, implícitos e/ou explícitos, como escolaridade, gênero, fenótipo, configuração familiar ou pretensão salarial para trabalhar são estabelecidos pelos empregadores. Os interessados precisam de um *smartphone* com *internet* para baixar o aplicativo e realizar o cadastro preenchendo alguns dados pessoais. Após o cadastro dos dados os interessados aceitam um “termo de compromisso” segundo o qual eles passam a ser identificados como usuários da plataforma – e não trabalhadores. Desse modo, as empresas de *delivery* se identificam no contrato como empresas de tecnologia que realizam a mediação entre entregadores e consumidores. Situação que envolve um amplo debate no campo jurídico. O trabalho nos aplicativos constituem-se, portanto, como uma espécie de *crowdwork* (OIT, 2018) precário e desregulamentado.

De maneira geral, os entregadores realizam uma atividade cuja remuneração varia segundo a quantidade de entregas realizadas no dia, não seguindo um padrão perceptível do ponto de vista dos entregadores. A precariedade desse trabalho não se resume vínculo contratual entre os entregadores e a empresas, expressa-se também na experiência cotidiana de trabalho. A maior parte dos entregadores esperam pelos pedidos nas ruas, esquinas ou praças da cidade, nesses espaços não há infraestrutura institucional que fornece condições mínimas para higiene, alimentação e abrigo.

Percebe-se também que o trabalho nos aplicativos envolve múltiplos riscos, desgaste físico e incertezas. Os riscos seguem a lógica denunciada por Beck (2011) na década de 1980, quando apontou que a medida que a modernidade desenvolve suas tecnologias produz mais risco. Os jovens entregadores tendem a relatar como é quase impossível trabalhar com *delivery* sem sofrer algum acidente nas ruas. O cotidiano nas ruas envolve também o risco de sofrer algum tipo de violência, para se precaver, é comum os entregadores trabalharem em grupos e evitar fazer entregas em lugares que não se sintam seguros. O risco de contaminação pela Covid-19 também incide sobre eles, mesmo durante as fases de maior restrição de circulação de pessoas, os entregadores continuaram suas atividades da mesma maneira. Considerando que os instrumentos de trabalho e de proteção individual são responsabilidade

dos próprios entregadores, a assistência concedida em caso de acidentes não cobre os custos de conserto dos equipamentos nem as despesas familiares durante o período em afastamento, os riscos tornam-se ainda mais notáveis.

Mesmo com processos de precariedade e risco, os jovens buscam em elementos da cultura juvenil alternativas ao trabalho. Nas ruas, esquinas e praças onde esperam pelos pedidos, os rapazes utilizam caixas de som portáteis que tocam músicas de *funk* e rap. Nos *smartphones* “logados” em um ou mais aplicativos de entregas, eles selecionam músicas, jogam, utilizam as redes sociais, gravam *stories* sobre o cotidiano de trabalho. Nos pontos de espera eles também tecem relações de cooperação e amizades com outros entregadores que dividem o espaço. Dividem refeições, substâncias psicoativas, *gadgets*, informações e percepções sobre a dinâmica dos aplicativos.

Há de se destacar que a categoria de entregas de bicicleta é uma categoria de baixa remuneração em comparação com os motociclistas e motoristas de carros. Além de jovens, os ciclistas também possuem baixa escolaridade (ALIANÇA BIKE, 2019) em relação a média nacional. Mesmo parte de uma geração que experimentou a ampliação de direitos na educação em relação às gerações anteriores, como a expansão das matrículas no ensino médio e superior, os jovens bike-entregadores sinalizam como uma parcela da população brasileira na qual esses acessos pouco se efetivaram.

A reflexão sobre a relação desses jovens com a escola pode se dar com o aporte da categoria "estudante trabalhador" (CORROCHANO, 2013; FRANZÓI et al. 2019), contudo, as jornadas de trabalho também costumam ser longas, passando 10 horas por dia nas ruas para pedalar aproximadamente 30 quilômetros. Assim, estudar no fim do dia torna-se mais difícil para esse grupo na medida em que o esforço físico na ocupação é intenso. Por outro lado, a possibilidade de ligar e desligar o aplicativo quando desejar, pode propiciar controle sobre o tempo de trabalho e, assim, facilitar a articulação entre escola e trabalho. Portanto, faz-se necessário compreender o próprio lugar da escola para esses sujeitos diante dessas experiências oriundas dessa nova face do trabalho.

Referências

ALIANÇA BIKE. 2019. **Pesquisa do Perfil dos Entregadores Ciclistas de Aplicativo**. Associação Brasileira do Setor de Bicycletas. Disponível em: http://aliancabike.org.br/wp-content/uploads/2020/04/relatorio_s2.pdf > Acesso em mai de 2020.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a outra modernidade. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

CORROCHANO, Maria Carla. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 18, p. 23-44, 2013.

FRANZÓI, Naira Lisboa et al. O estudante trabalhador na escola pública: Um direito negado? **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 27 n.136, p. 1-26, 2019

JÚNIOR, France. Delivery transformou tendência em necessidade e continua em crescimento. *Jornal da Usp*. 10/03/2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=395377>. Acesso em: maio de 2021.

NATALINO, Marco; PINHEIRO, Marina Brito. **Proteção social aos mais vulneráveis em contexto de pandemia**: algumas limitações práticas do auxílio emergencial e a adequação

dos benefícios eventuais como instrumento complementar de política socioassistencial. Nota Técnica IPEA. n. 67. Abril de 2020.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. London: Polity Press, 2017.

OIT. **Digital labour platforms and the future of work**: Towards decent work in the online world. Organização Internacional do Trabalho, Geneva, 2018.

OIT. **Panorama laboral 2020**. Lima: Oficina Regional para América Latina y el Caribe, 2020.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.